

DA INTERDISCIPLINARIDADE E INTERCIÊNCIA AO INTERCONHECIMENTO

FROM INTERDISCIPLINARITY AND INTERSCIENCE TO INTERKNOWLEDGE

Roberto Vilmar Satur¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão acerca da importância de todos os conhecimentos, sem desprezar o protagonismo e relevância atual do conhecimento científico. O texto seguirá nessa reflexão, discutirá o futuro da disciplina, da interdisciplina e dos chamados cursos profissionalizantes, concluindo que o ciclo da superespecialização agora tende a dar lugar para algo mais abrangente e generalista. É um processo que começa a aparecer. Também faz uma reflexão acerca dos valores presentes, da evolução atual e pensa sobre o futuro do conhecimento, da ciência e da humanidade. Não existe somente um conhecimento, embora, usualmente, tenha um que predomine em cada momento secular. Vivemos o momento da Ciência. Todavia, à medida que o pensamento científico avança e causa suas benesses e também seus estragos, percebe-se que cada vez mais é importante resgatar um pouco dos demais conhecimentos para ajudar na relação de peso e contrapeso. Afinal, para a ciência ser boa, ela precisa ter consciência, ser mais humana e prática do que apenas teórica, para tal, precisa que alguém esteja vigilante para controlar as suas empolgações, excessos e imaturidades, típicos de jovem. Para isso, nada melhor que ter os velhos conhecimentos por perto, como conselheiros e buscando controlar tais ímpetos.

PALAVRAS-CHAVE: Disciplina. Interdisciplina. Ciência. Tecnologia. Conhecimento.

ABSTRACT

This article aims to present a reflection about the importance of all knowledge, without neglecting the current protagonism and relevance of scientific knowledge. The text will follow this reflection, discuss the future of the discipline, the interdiscipline and the so-called professionalizing courses, concluding that the cycle of super-specialization now tends to give way to something more comprehensive and generalist. It is a process that is beginning to appear. It also reflects on the present values, the current evolution, and thinks about the future of knowledge, science and humanity. There is not only one knowledge, although there is usually one that predominates in each secular moment. We live in the moment of science. However, as scientific thought advances and causes its benefits and also its damages, we realize that it is increasingly important to rescue a little bit of other knowledge to help in the weight and balance relationship. After all, for science to be good, it needs to have consciousness, to be more human and practical than just theoretical, and for this it needs someone to be vigilant to control its excitement, excesses, and immaturities, typical of youth. To this end, nothing better than having the old knowledge around, as advisors and trying to control such impulses.

KEYWORDS: Discipline. Interdiscipline. Science. Technology. Knowledge.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba. Professor do Departamento de Mediações Interculturais, do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Organizações Aprendentes (PPGOA) e do Curso LEA-Negociações Internacionais. Pós-Doutor em Informação e Negociações (Universidade do Porto); Doutor em Ciência da Informação, Mestre em Economia, Especialista em Comércio Exterior, bacharel em Administração e em Economia. E-mail: robertosatur@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Todo o saber é válido. O conhecimento é amplo, mas tem limitações. O conhecimento não tem limites, mas é limitado. O conhecimento não tem fronteiras, mas tem barreiras. O conhecimento é diverso, mas tem áreas que predominam de tempos em tempos. O conhecimento é milenar, mas também é recente. O conhecimento é erudito, mas também popular. O conhecimento é elitizado, mas também pertence as massas. Conhecimento é saber, mas também é conhecimento admitir que nada ou pouco sabe. O conhecimento se passa de pessoa para pessoa, podendo ser de pai para filho, de colega para colega, de professor para aluno, do mestre para o discípulo e de tantas outras formas. Mas o conhecimento também se aprende buscando dados e informações em plataformas físicas e virtuais, em artefatos de diversas naturezas, observando a natureza e o comportamento dos humanos e dos não humanos, com experiências laboratoriais ou a campo. O conhecimento é científico, mas também é filosófico, popular (senso comum), cultural, teológico e religioso, dentre outros. O conhecimento não se prende a uma área, embora alguns busquem o prender como exclusivo em uma delas. Nos anos, décadas e até séculos recentes, a moda é a ciência querer ser a única detentora do “verdadeiro conhecimento”, o conhecimento científico. Chegou faz pouco e já queria ignorar os mais velhos. Coisa de jovem que não valoriza a experiência (os outros conhecimentos). O conhecimento perpassa e faz parte de todos os saberes, áreas, ambientes e situações. Cada pessoa sempre tem algo a aprender e algo a ensinar. Tudo isso é conhecimento presente e se fazendo difundir.

2 A CIÊNCIA NO SEU INTERIOR E A INTERFACE COM OS OUTROS CONHECIMENTOS

O conhecimento contemporâneo não é apenas científico, nunca foi apenas científico, apesar de alguns quererem que o conhecimento científico seja a única verdade aceita. Aliás, o que existe são verdades diversas oriundas de vários conhecimentos, inclusive do científico. Por milhares de anos, existiram muitos conhecimentos (e seguem existindo) úteis a sociedade e que a fizeram viver e sobreviver nesse longo período, lá nesse passado milenar não estava o conhecimento científico para os ajudar a conduzir o rumo da humanidade. O conhecimento científico é um jovem. Como jovem, tem muito vigor, disposição, inquietação, é questionador. Mas, como lhe falta experiência, como já possuem os outros conhecimentos, por vezes é prepotente e arrogante. A experiência nos deixa mais humildes e menos exclusivistas, mais inclusivos. Uma dessas demonstrações da Ciência é que, por vezes, ela não admite ser questionada. Exatamente o conhecimento científico, que surgiu, cresceu e ficou importante por ser questionador de tudo e de todos, inclusive de si mesmo. A dúvida, o questionamento e o princípio da falseabilidade sempre foram seus grandes aliados. Aliás, o questionamento é tanto, que na Ciência a teoria existe como verdade provisória, pois admite que ao continuar questionando, provavelmente,

aquela verdade (teoria) será temporal e depois superada. Aliás, precisa ser questionada para ficar ainda mais robusta ou para ser superada por outra teoria melhor, ou para ser negada.

Segundo Ghoshal (2005), teorias que não foram verificadas e questionadas suficientemente tem grande risco de prosperarem como verdade aceita, mas podem ser teorias ruins, algumas más. Davis (2010) diz que algumas teorias difundidas não passam de quase-experimentos, ou quase-teorias, ou teorias fracas. Pearce e Huang (2012b) afirmam que os “gurus panfletários” prosperam em algumas áreas por falar “o que todos querem ouvir”. E isso é culpa também dos cientistas, que por serem tão exclusivistas e tão avessos a interdisciplinaridade e ao intersaber, se isolam inclusive da prática e do mercado, presos em suas teorias difíceis de aplicar no exercício profissional. (PEARCE e HUANG, 2012b). Bellini *et al.* (2013) dizem que muitas vezes o excesso de rigor metodológico e de padrões exigidos para pesquisar em uma determinada área/disciplina específica torna esse pesquisador alguém negligente com o que acontece a sua volta, ou seja com a realidade e a aplicabilidade prática. Nessa loucura científica, em que apenas a produtividade é louvada, aumentou-se o número de pesquisadores médios e produtivos, mas reduziu-se a qualidade da pesquisa e o pesquisador de alto impacto, que leva mais tempo para produzir algo mais elaborado. Vivemos um momento científico que o “mediano é louvado”, desde que se mantenha fiel a área e siga o rigor e método aceito. (PEARCE E HUANG, 2012a). Sobre isso, Satur, Silva Júnior e Bellini (2019, p. 125) afirmam que “o problema estaria no rigor e relevância das pesquisas acadêmico-científicas na área, que estaria com foco inadequado.”

A principal arrogância da Ciência e de muitos cientistas foi considerar que apenas ela é válida, buscando negar e descartar todos os outros saberes. Mero engano e prepotência. Felizmente, isso vem mudando aos poucos dentro da própria Ciência e entre os cientistas. Se essa mudança de postura é uma pós-ciência ou a ciência evoluindo, não sabemos ainda dizer. Provável que seja a ciência em maturação, à medida que vai ficando experiente e aprendendo com o tempo, melhora de postura, fica mais humilde. Com essa mudança de postura e reconsiderando os outros conhecimentos como válidos, a Ciência chega, em comportamento e atitude, ao patamar dos outros saberes. Se fizer isso agirá menos pelo impulso, pensando apenas em sua evolução, mas estará pensando também nas consequências de suas ações.

3 O CONHECIMENTO MILENAR, A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

O conhecimento milenar diverso, por milhares de anos (sem a ciência presente), superou epidemias diversas, algumas com estilo de pandemia, superou guerras, catástrofes, fomes, múltiplas instabilidades climáticas, dentre outros, em condições bem mais adversas e rudimentares que a realidade atual, na qual existe a Ciência e sua principal aliada, a Tecnologia, a pleno vapor. Muitos dos comportamentos lá padronizados foram obtidos pela observação, pela repetição e pela tentativa e erro, é

bem verdade, mas funcionaram. É a chamada escola da vida. Alguns podem dizer que os períodos são incomparáveis. E logo podem citar exemplos como:

- antes habitavam no mundo milhões de pessoas, agora, graças à ciência e à tecnologia, temos mais de sete bilhões de pessoas. Então eu pergunto: e isso é bom ou ruim para um futuro próximo?
- se não fosse a ciência e a tecnologia evoluídas, não teríamos alimentos para todo mundo, o que hoje se consegue graças a melhoria produtiva pela transgenia, pela química, pelos processados diversos e etc. Então eu pergunto: e isso é bom ou ruim para um futuro próximo? A transgenia permitiu que a propriedade da semente, antes de todos, passasse para mãos privadas. A sociedade milenar e os outros conhecimentos levaram muitos anos descobrindo, adotando e “domesticando” a semente, portanto, o conhecimento de tais sementes e o que fazer com elas era livremente pertencente a quem dela tivesse acesso. Agora as sementes transgênicas ficaram na mão de poucas empresas e todos dependem dessas empresas, pois as sementes colhidas de transgênicos não reproduzem, sendo preciso comprar novamente de quem as produz e vende. Estão patenteadas;
- se não fosse a ciência e seus processos químicos não teríamos medicamentos diversos disponíveis nas drogarias/farmácias, que tratam qualquer doença e estas não param de surgir. Então eu pergunto: e isso é bom ou ruim para um futuro próximo? Vejam que o nome já diz onde tais “drogas legais”, chamadas de medicamento, são vendidas. Em uma drogaria. São lícitas, mas são drogas. E o fato de cada vez surgirem novas doenças pode ser, inclusive, fruto do excesso de manipulação científica, que altera o funcionamento de diversos órgãos e organismos que antes funcionavam naturalmente;
- graças a ciência, a tecnologia e ao paradigma tecnológico (Castells, 1999) já podemos ter ou imaginar um mundo com muitos robôs, internet das coisas (IoT) em tudo, inteligência artificial (IA) e *Data Science* em pleno vigor, sociedade totalmente inserida na cultura digital, internet 6G, infovias, infosfera, metaversos, humanos e não-humanos misturados, com mecanismos que permitem o controle e a segurança das pessoas, onde quer que elas andem, feito por reconhecimento facial, rastreadores, chips e etc. Então eu pergunto: e isso é bom ou ruim para um futuro próximo? Parece bom e tentador, mas também é assustador. E se esse controle ficar na mão de pessoas que somente aparentam ser boas e bem-intencionadas, mas que possivelmente são interesseiras e querem controlar os outros por que isso lhes dá vantagem? E a privacidade como fica? Passaríamos a viver em uma Matrix? E se as criaturas (IA, robôs, “algoritmo mestre”², ...) superarem e controlarem os seus criadores (humanos)? O mundo dos pós-humanos reservará um espaço legal para os seres anteriores, menos evoluídos, no caso os humanos? E o que virá depois disso? São perguntas intrigantes que não temos respostas precisas, apenas suspeitas e suposições,

² Sobre algoritmo mestre, sugere-se a leitura de Pedro Domingos (2015).

mas devemos sempre ficar indagando e refletindo sobre elas. Olha aí a importância dos outros conhecimentos: filosofia, teologia, etc.

A última pergunta que cabe aqui: considerando o que vem fazendo a ciência, enquanto principal conhecimento na sociedade contemporânea, é possível afirmar que ela entregará um mundo melhor e vivo depois de reinar por milhares de anos como fizeram os outros conhecimentos quando entregaram o cuidado do mundo para ela? Não sabemos. Em verdade temos certo medo de pensar sobre esse futuro.

Não se trata de querer desprezar a ciência, nem tampouco tirar seu mérito. Isso nem é possível de ser feito. A ciência é sim o principal conhecimento da sociedade secular e contemporânea, é a que mais nos impacta e por isso corremos o risco de apenas perceber ela como importante. A ciência fez muito em um curto espaço de tempo e tem potencial de fazer muito mais. A ciência é muito criadora e inovadora. A ciência é acelerada, não para. Mas a ciência, mesmo não sendo humana, não é neutra, muito menos inocente. O mesmo vale para a tecnologia. A ciência não para de nos apresentar sempre novos resultados. A tecnologia também. Todavia, o resultado das suas descobertas e aplicabilidades dependerá de quem as aplica, as manipula e os interesses que tem ao fazer isso. Esses manipuladores são humanos e corporações, são pessoas físicas e pessoas jurídicas. Os humanos falham, erram, tem interesses. As corporações são compostas por humanos e, portanto, também têm interesses, podem falhar e errar. Usualmente as pessoas e as corporações atuam em um mercado e este é concorrencial, ganha quem chegar primeiro. Portanto, quem atua nele tem interesses em jogo.

O uso da ciência e da tecnologia será para o bem ou para o mal - e dará resultado nesse sentido - dependendo de quem está por trás da invenção, da novidade e o interesse deste. Assim, há de se ter muito cuidado, antes de seguir expressões como “em nome da ciência”, primeiro precisamos perguntar a quem interessa aquela ciência, aquela invenção, para que será usada e para quem (o que está em jogo: a vida ou o lucro). Por isso, é importante saber quais são os verdadeiros interesses em jogo. A transparência permite atitudes de precaução e prudência. Não se trata de condenar o lucro e nem o mercado, mas de transparência e conduta ética.

4 NOVOS CAMINHOS PELA INTERDISCIPLINA E PELO INTERSABER

Essa pequena explanação, feita nos parágrafos anteriores, evidencia como a ciência melhora em qualidade de conduta quando se colocam outros conhecimentos a seus serviços como é o caso das reflexões críticas (filosofia) e análise de conduta ética (pertence a vários conhecimentos) junto das ciências e seus inventos. Outros conhecimentos podem e devem servir como pesos e contrapesos aos avanços e condutas que usam a ciência e a tecnologia nas novas incursões da sociedade e do mercado. Como senhores (conhecimentos) mais experientes, podem ajudar a ciência em uma caminhada com mais consciência.

Aos poucos, a ciência e os cientistas começam a se render e admitir que outros saberes também são relevantes, que a interciência tem seu valor, que a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade tendem a ser cada vez mais praticadas. A física quântica e a teoria das cordas, que são ramos avançados da ciência, de alguma maneira, deixam transparecer que existe muito mais do que o conhecimento científico atual pode medir e provar.

Somado a isso, vivemos no paradigma da complexidade (Morin), em que nada é tão simples a ponto de conseguirmos explicar usando apenas um saber e vivemos de muitas verdades, várias provisórias, e todas estas precisam dialogar entre si para o bem do todo. Pois, vivemos “numa era em que a interdependência das ciências e saberes se torna determinante para um progresso sustentável”. (MEALHA, 2011, p. 13).

Nesse sentido,

[...] as Ciências, na atualidade, têm a necessidade de serem interdisciplinares. [...]. Atualmente, quando a pós-modernidade começa a dar seus primeiros sinais – e um deles é exatamente o de que não há conhecimento absoluto, único ou puro – seria imprudente querer imaginar uma Ciência pura, forte, única e absoluta. As Ciências caminham para a integração e a colaboração entre os saberes, visando diminuir os vazios e as contradições entre eles e aumentar as possibilidades e as oportunidades. Nesse contexto, também se diminuem as certezas, devido ao fim do chamado conhecimento único e absoluto das áreas científicas (SATUR, 2018, p. 22).

Mealha (2011, p. 1) enfatiza que, na atualidade, quando se pensa em

[...] fundar uma escola de investigação e formação virada para o futuro de curto prazo e atendendo ao progresso desenfreado que se vive em contextos de mediação tecnológica, acredita-se que a orientação transdisciplinar é uma referência estratégica e metodológica adequada.

A pós-graduação e as pesquisas de alto impacto não ignoram a interdisciplinaridade e sim, aperfeiçoam no que lhe agrega, nomeadamente pela via das orientações ditadas pela transdisciplinaridade (FREITAS; MORIN; NICOLESCU, 1994).

Como exemplo dessa conversa e até união transdisciplinar, Silva (2007, p. 37) destaca que “[...] temos defendido que os SI, junto com a Arquivística, a Biblioteconomia/Documentação e a disciplina Organização e Métodos formariam o núcleo transdisciplinar, o *core* dinâmico e identitário constitutivo da *nova CI*”. O autor defende que áreas atualmente separadas, mas muito próximas no interesse, unam-se e formem uma área maior e mais ampla, inclusive para a futura atuação profissional de quem nela se formar. O exemplo do autor é a Ciência da Informação como abarcadora de parte dos Sistemas de Informação, da Arquivologia, da Biblioteconomia e até da Museologia. Na nova grande área ou grande disciplina, a Ciência da Informação, todos esses conhecimento seriam rapidamente estudados como componentes curriculares, módulos ou áreas dentro da CI. Depois, em uma futura especialização *lato* ou *stricto sensu*, o profissional pesquisaria e se especializaria sobre algo mais específico. Aliás, o que defende o autor já acontece em Portugal e alguns outros países europeus.

E essa “nova CI” ampliada, que unifica vários “cursos” da atualidade em um único curso mais

abrangente, defendido por Armando Malheiro da Silva, ainda assim precisará continuar a ter conversas multi e interdisciplinares com outras áreas do saber, como é o caso da Gestão; pois, por exemplo, Organização, Sistemas e Métodos, embora destinados para arquivos e bibliotecas, levam o mesmo nome que na Gestão se chama de OSM ou OSMA (Organização, Sistemas e Métodos em Administração). Igualmente vale para os Sistemas de Informação, que também são ligados a gestão ou a Ciência da Computação e/ou Informática e para a Gestão da Informação, que o próprio nome já diz, porque são áreas de interesse das duas ou de mais ciências há décadas, respeitadas as peculiaridades e especificidades de cada Ciência. Tudo isso serve para mostrar o quanto é importante para a própria CI “ser também interdisciplinar e aplicada a diversos contextos e assim se amplie ainda mais a área de atuação”. (SATUR, 2017, p. 407). Também mostra o quanto está cada vez mais difícil não ser interdisciplinar.

Apesar das resistências, a agregação de alguns cursos e profissões em prol da formação de Ciência maior é uma tendência crescente e que faz todo o sentido em um mundo no qual existem visões cada vez mais abrangentes, complexas e interdisciplinares. Por exemplo, Administração, Contábeis e Economia poderiam virar tranquilamente Ciências Empreendedoras, ou Empresariais ou de Mercado. O aluno conheceria a base sobre as três áreas e depois se especializa em alguma, se assim quisesse, ou se manteria como um generalista. De qualquer forma, seu campo de atuação ficaria mais amplo. O mesmo vale para muitas outras áreas.

Nesses casos, a especialização seria após a graduação (graduação essa que, na Europa, por conta do Acordo de Bologna, é de três anos) em uma pós-graduação integrada (mestrado) ou de outras formas (MBA, especializações *lato sensu*, cursos de aperfeiçoamento diversos) em que o estudante busca conhecimento complementar se quer se especializar em algo e para isso faz um esforço adicional de pesquisa sobre essa área que quer focar mais.

Evidente que para unir as “ciências” atuais em uma Ciência maior, exige-se que vaidades sejam superadas, gerenciadas, negociadas, amortecidas e revertidas. Afinal, muitos criticam a ideia da especialização profunda de Descartes (1996), na sua celebre preocupação de detalhar tudo, até que nada seja omitido e do Positivismo/Neopositivismo (COMTE, 1842; 2013) na segmentação por área, levando em conta a ordem e o progresso. Mas, para a maioria desses que criticam o cartesianismo e o positivismo, o fazem meio que sem saber ou querendo que se aplique apenas para as outras situações e áreas, pois quando fala em mexer na sua profissão ou área se retraem não querem que “mexam no seu queijo”. Área essa, segmentada e especialista, que é uma das evidências mais claras da ideia cartesiana e positivista/neopositivista do separar para especializar, tendo identidade própria, reserva de mercado e que não deve se misturar com as demais áreas, meio que querendo dizer que nenhuma área é tão boa a ponto de poder se misturar com a minha área. Exemplo disso é quando consideramos o que fizemos é tão importante que não tem como se agregar e se misturar com algo maior. E assim, sustenta-se a visão separatista por área em um mundo que demanda cada vez mais interdisciplinaridade, que exige cada vez mais que o profissional saiba além de sua disciplina, que “olhe para fora da caixinha”.

Entendido que a colaboração entre as diversas áreas do saber não prejudica o desenvolvimento da disciplina, mas pode ajudá-la, é importante também saber o contexto que se dá a colaboração, ou seja, o (Silva, 2007, p. 3):

[...] “triângulo” epistemológico, formado pelos conceitos da pluridisciplinaridade, da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, tido como basilar na estruturação da Ciência, após o eclodir das críticas, na primeira metade do século XX, às linhas-mestras da Ciência Moderna e, em especial, à mescla de pressupostos sobre a verdade, a objetividade, a certeza do conhecimento, etc., consubstanciados no termo positivismo.

A interdisciplinaridade é uma forma contemporânea de ver e estudar a ciência em um olhar diferente do positivismo. Não se trata de descartar a importância da disciplina, mas de admitir que ela sozinha não responde mais aos anseios que o mercado tem de atuação dos profissionais formados por essas áreas. Como disse Armando Malheiro da Silva no texto citado acima, inicialmente a ideia de visões e pesquisas pluri, inter e transdisciplinaridade sofreram resistência de quem preferia a disciplina especialista, com reserva de mercado. Todavia, a atualidade, com um mercado cada vez mais complexo, atropelou essa visão da continuidade separatista por área. Mais adiante chega Latour (1994; 2012) e outros autores que vão dizer que tudo agora é rede, inclusive nas profissões. E mais, essas redes instáveis, descontínuas e movidas a interesses. Acabou-se o interesse, enfraqueceu ou acabou a rede. Isso vale inclusive para a relação interdisciplinar.

Chega Bauman (2001) e nos apresenta que o mundo é líquido, em que quase tudo é líquido. Por que somente as áreas especialistas com suas reservas de mercado se manteriam rígidas, não líquidas?

Castells (1999) e demais autores desmontam a ideia de um profissional voltado para a tarefa de uma profissão. Com o paradigma tecnológico cada vez mais presente através da cultura digital, que está invadindo cada vez mais o cotidiano da vida, das organizações e das profissões, em um mundo cada vez dependente dos artefatos tecnológicos, com a vinda da internet 5G e 6G, a internet das coisas (IoT), com a sociedade da informação e do conhecimento exigindo profissionais do conhecimento (Drucker, 1998; 2003), com a infosfera (Floridi, 2004; 2010) presente no cotidiano, com a inteligência artificial (IA) nos rodeando cada vez mais e fazendo coisas que antes os profissionais faziam, é impossível se manter indiferente a tudo isso e preso apenas ao conhecimento disciplinar (SATUR, 2021). Afinal vivemos o império dos in (SATUR, PINHO NETO, DUARTE, 2017). Para dar conta disso tudo precisamos do suporte interdisciplinar e dos outros saberes para além da ciência.

O mercado também deu uma chacoalhada nas áreas especialistas. Quando dois candidatos se apresentam para uma vaga de emprego, se um tiver a visão apenas especialista da sua área, sua chance de contrato será apenas se a demanda pelo novo profissional for uma demanda restrita a aquele segmento. Todavia, se o segundo, além do conhecimento de sua área, tiver uma visão mais interdisciplinar interessará mais a empresa, pois lhe parecerá ser um profissional mais dinâmico, multitarefas, que pode transitar em outras áreas com mais facilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às vezes, observamos perplexos como a cultura digital tem se impregnado em todas as nossas atividades e rotinas, mediante cada vez mais tecnologias. Ao mesmo tempo, verificamos que o velho e o novo se combinam, formando misturas e híbridos, assim, enquanto a ciência e a tecnologia avançam, é necessário resgatar velhos conhecimentos para entender o que nela acontece agora. “O que foi tornar a ser, o que foi feito se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol”. (ECLESIASTES, 1:9). Podemos entender que essa afirmação também destaca que nada se desperdiça, até o que achamos que não vale mais, um dia voltará a valer, afinal “o que foi tornar a ser”. As gerações anteriores acreditavam que a ciência e o conhecimento eram usados para a prática de ações boas, mas também, muitas de suas ações eram más. Não temos a garantia de que, com a ciência e a tecnologia dominando tudo, o mal que já foi feito no passado não voltará a ser praticado em uma nova configuração e roupagem, pois “o que foi feito se fará novamente”.

O comportamento humano do passado, bom e perverso ao mesmo tempo, não deixou de existir e nesse sentido “não há nada de novo debaixo do sol”. A pós-modernidade é isso, mundo líquido, de misturas, de instabilidades, de idas e vindas. E nessas ondas fragmentadas seguimos em frente, mesmo que as vezes o em frente seja para o lado ou para trás. O certo é que precisamos nos agarrar aos diversos conhecimentos para dar conta das ondas que vem de todo lado.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELLINI, C. G. P., DANTAS, G. F. M., PEREIRA, R. C. F. Are We Still Talking to Ourselves? An Analysis of the Introspective Information Technology Field by Brazilian Experts. **International Journal of Human Capital & Information Technology Professionals**, 4 (3), 2013.

BÍBLIA Online. **Eclesiastes**: 1:9, NVI. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em 02 jun. 2022.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COMTE, A. **Discurso preliminar sobre o espírito positivo**. Versão e-book. Disponível em: www.ebooksbrasil.com e www.jahr.org. Acesso em set. 2013.

_____. *Discours sur l'esprit positif: suivi de cinq documents annexes*. 1842. Versão eletrônica: 2002. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Comte_auguste/discours_esprit_positif/Discours_esprit_positif.pdf. Acesso em 02 Jun. 2022.

DAVIS, G. F. *Do theories of organizations progress?* **Organizational Research Methods**, v. 13, n. 4, 2010, p. 690-709.

DESCARTES, R. (1596-1650). **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DOMINGOS, P. **O algoritmo mestre: como a busca pelo algoritmo de *machine learning* definitivo recriará nosso mundo**. São Paulo: Novatec, 2015.

DRUCKER, P. F. **Administrando para o futuro: os anos 90 e a virada do século** 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

_____. **A administração na próxima sociedade**. São Paulo: Nobel, 2003.

FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarah. Carta de transdisciplinaridade. **Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade**. Convento de Arrábida, Portugal, 1994.

FLORIDI, L. *The Blackwell guide to the philosophy of computing and information*. 350 Main Street, Malden, MA, USA; Oxford, UK; Carlton, Austrália: Blackwell philosophy guides: 2004.

_____. (Org.) **The Cambridge Handbook of Information and Computer Ethics**. Cambridge University Press The Edinburgh Building, Cambridge, 2010.

GHOSHAL, S. *Bad management theories are destroying good management practices*. **Academy of Management Learning & Education**, v. 4, n. 1, 2005, pp. 75-91.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia Simétrica**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

_____. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede**. Salvador: Edusc, 2012.

MEALHA, Ó. E. C. Ciências da Comunicação, Informação e Computação: Conhecimento Transdisciplinar. *In: Lusocom–Federação Lusófona de Ciências da Comunicação. IX Congresso Lusocom*. UNIP – São Paulo – SP. 4 a 6 de agosto de 2011. (p. 1-15). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/280072494_Ciencias_da_Comunicacao_Informacao_e_Computacao_Conhecimento_Transdisciplinar. Acesso em 12/03/2019.

PEARCE, J. L.; HUANG, L. (a) *The Decreasing Value of Our Research to Management Education*. **Academy of Management Learning & Education**, v. 11, n. 2, 2012, p. 247-262.

_____; _____. (b) *Toward an Understanding of What Actionable Research Is*. **Academy of Management Learning & Education**, v. 11, n.2, 2012, p. 300–301.

SATUR, R. V. **Negociações e negociadores no mercado internacional: reflexões sobre epistemologia, interculturalidade e cultura digital**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2021. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/ciencias-sociais-aplicadas/negociacoes-e-negociadores-no-mercado-internacional-reflexoes-sobre-epistemologia-interculturalidade-e-cultura-digital/livro-11-ebook-negociacoes-e-negociadores-no-mercado-internacional-1.pdf>

_____; PINHO NETO, J. A. S.; DUARTE, E. N. 2018. Redimensionamento do espaço e do tempo: a incerteza e os desafios da sociedade, da informação e do planejamento do marketing. **Revista Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, vol. 32, núm. 77, octubre/diciembre, 2018, México, ISSN: 0187-358X e 2448-8321, pp. 151-173 México. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/57942/51949>.

_____. **Competência em informação dos profissionais negociadores na atuação nos mercados internacionais.** João Pessoa: PPGCI, 2017. Tese, 449 f.

_____. SILVA JÚNIOR, C. P.; BELLINI, C. G. P. O método dos trabalhos de conclusão de pós-graduação sob o olhar do discurso do método. **Biblionline**, João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 124-131, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/120566>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SILVA, A. M. **Ciência da Informação e Sistemas de Informação:** (re)exame de uma relação disciplinar. *Cadernos Prisma*, 2007. (p. 2-47). Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26180/2/000106382.pdf>. Acesso em 12/03/2019.